

O demonstrativo *tal* enquanto marcador do valor modal assertivo

MANUEL LUÍS COSTA

(Grupo de Semântica e Enunciação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas)

A forma empírica de *tal* constitui um exemplo ideal para a demonstração de uma das características fundamentais dos fenómenos linguísticos: a sua estabilidade e deformabilidade (Culioli [1986] 1990:129). Assim, e no que respeita aos usos atributivos de *tal*, podemos identificar a existência de uma configuração de base (invariante), a qual, mediante as relações dinâmicas em que se vê envolvida, irá sofrer determinadas transformações.

À forma de base (**forma esquemática**) corresponde o valor de **retoma** – anafórico, mas também, em alguns casos, catafórico. A proposta de análise do demonstrativo *tal* enquanto marcador de retoma é relativamente consensual na literatura da especialidade, como podemos verificar em Barbosa (1881⁷:122), Mateus *et alii* [1983] (1992:191) e Campos (1989:48-49), bem como nas propostas para os marcadores correspondentes em francês – entre outros, Henry (1991:417) e Culioli (1992:4) – e inglês – por exemplo, Carlson (1977:329,379), seguindo as propostas de Bolinger (1972) e Bresnan (1973).

A par do valor geral de retoma, outros valores suplementares são frequentemente associados ao marcador, constituindo deformações da forma de base: o valor de **intensificação** de uma propriedade, por exemplo – ver Said Ali (1927:198), Mateus *et alii* [1983] (1992: 321) e Fonseca (1994: 135). Outro valor suplementar, que surge intrincado com o de intensificação, é o valor de **percurso** – ver Culioli (1992: 4).

Para além do valores acima descritos, julgo pertinente a distinção de um terceiro valor suplementar, no que respeita ao português. Trata-se do valor **modal assertivo**¹, o qual podemos observar no seguinte contexto de pergunta-resposta:

(1) A - Quem está lá fora?

B - É *uma tal Ana*.

Na pista de uma explicação no âmbito da categoria da modalidade, ao remeterem para valores do **não-certo**, surgiam já as intuições de autores como Cuesta [1949] (1980: 515-516), Machado [1952] (1981:439) e Morais [1961] (1980:232). Para estes, um dos valores do demonstrativo *tal* é o de indicar a parte desconhecida dos nomes de pessoas ou de coisas – *É um tal Lopes* (Machado, op. cit., 439). Noutros contextos, o marcador é descrito como podendo “completar um número ou uma indicação horária que não sabemos precisar (Cuesta, op. cit., 515)” – *custou cento e tal escudos, são cinco e tal*.

Nos dicionários citados, refere-se ainda a anteposição do marcador ao nome que se designa desdenhosa ou depreciativamente – *É a tal Amelinha dos camarões* (Morais, op. cit., 232).²

Assim, e na sequência de tais intuições, direi que à interpretação de (1B) corresponde a glosa «é alguém que diz chamar-se Ana». Na glosa, o verbo enunciativo *diz* marca uma dissociação entre a situação de enunciação origem (Sit_0) e a situação de locução (Sit_1). Em Sit_1 , é constituída uma outra fonte enunciativa responsável pela asserção *chamo-me Ana*. S_0 , o sujeito enunciador origem, prefere não se responsabilizar inteiramente pela validação da relação predicativa <chamar-se, Ana>, construindo uma **distância modal** marcada por *tal*.

Se, na instanciação do lugar de argumento não preenchido da relação predicativa <estar, (), lá fora>, subjacente à interrogativa parcial, o co-enunciador, constituído em segundo enunciador, optar por responder *é uma Ana*, a interpretação será naturalmente distinta. Neste caso, o segundo enunciador, partindo da noção definida pela propriedade predicável <() ser Ana> e constituída a classe de ocorrências abstractas da noção, extrai uma ocorrência da classe – «um exemplar de Ana» –, operação marcada pelo artigo indefinido. A resposta em causa pode pois ser glosada por «é alguém que se chama Ana», o que equivale a predicar que o enunciador nada mais sabe sobre o indivíduo que *está lá fora* a não ser que se chama Ana.

A análise comparativa das sequências **um+N** e **um+tal+N**, fundamental para a construção de uma solução argumentada do problema em estudo, põe em evidência os seguintes factos: as duas expressões indefinidas correspondem à saturação da relação predicativa, validando-a através da instanciação de um dos elementos da classe (de indivíduos sobre os quais é possível predicar *está lá fora*) no lugar de argumento não preenchido. Com a expressão indefinida **um+N**, a asserção *chamo-me Ana*, anterior à interrogativa e não explicitada no contexto linguístico, é inteiramente assumida pelo segundo enunciador. Com o SN **um+tal+N**, o enunciador constrói uma distância, não se responsabilizando pela asserção acima. Donde se conclui que o valor modal interpretado em (1B) está necessariamente associado ao marcador *tal*.

A interpretação depreciativa do marcador *tal* só aparentemente perturba a hipótese explicativa avançada para (1B). Assim, podemos imaginar uma situação comunicativa na qual A em conversa com B atribui a C (Gil), que ambos conhecem bem, determinado trabalho, dizendo:

(2) isto só pode ser trabalho de *um tal Gil*.³

Sabendo que A conhece perfeitamente aquele cujo trabalho é posto em causa, como explicar então a construção de uma distância em relação à validação do N *Gil*? Ao não assumir inteiramente a validação do N *Gil*, o sujeito enunciador origem manifesta que, do seu ponto de vista, o indivíduo em questão (o Gil) não possui as qualidades/atributos/méritos que lhe permitam fazer-se reconhecer no universo de referência do enunciador. Donde a conclusão que a enunciação da sequência **um+tal+N**, situada em relação ao contexto comunicativo descrito para (2), acciona um mecanismo retórico do qual resulta um valor depreciativo.

Continuando a manipulação controlada dos dados, observemos os seguintes exemplos:

(3) A - Quem está lá fora?

B - É $\left\{ \begin{array}{l} \text{uma tal Ana.} \\ \text{um tal professor.} \\ \text{*um tal rapaz.} \end{array} \right.$

Como podemos verificar pela observação de (3A e B), um dos factores contextuais a ter em conta na descrição dos dados é o das propriedades semânticas dos N's. Assim, observa-se, tanto no que respeita aos Npr's como aos Nc's, a possibilidade de coocorrência com *tal* marcador de valor modal. Nc's como, por exemplo, *rapaz* geram, no entanto, sequências mal formadas.

Como explicar esta aparente irregularidade? A distinção expressões *de dicto* (da enunciação)/expressões *de re* (do enunciado) parece pertinente no presente caso. Em (3B), com os SN's *uma tal Ana* e *um tal professor*, o sujeito enunciador origem retoma as relações predicativas <chamar-se, Ana> e <ser, professor>, validadas por outras fontes enunciativas e em relação às quais o enunciador prefere distanciar-se. Tais SN's correspondem pois a expressões *de dicto*. Com o SN *um tal rapaz*, porém, o grau de conhecimento do enunciador origem relativamente ao acontecimento linguístico contruído é total. Por outras palavras, no momento em que o rapaz surge na presença de B, este pode verificar quer o sexo, quer o nível etário, sendo desnecessária a asserção *sou rapaz*. Daí a impossibilidade de construção da **distância modal**.

Face ao exposto, diremos que a sequência **um+tal+N**, no caso em estudo, constitui necessariamente uma expressão *de dicto*. O uso *de dicto* da sequência está associado ao demonstrativo *tal*. Da coocorrência deste marcador com um Nc usado com valor *de re* resulta uma sequência mal formada.

Observemos agora a manipulação de um outro factor contextual, a posição pós-nominal do marcador *tal*:

(4) A - Quem está lá fora?

B - É $\left\{ \begin{array}{l} * \text{ uma Ana tal.} \\ * \text{ um professor tal.} \\ * \text{ um rapaz tal.} \end{array} \right.$

Da observação de (4) conclui-se que a posição pós-nominal do marcador *tal* nas expressões indefinidas gera sequências mal formadas. De facto, não é possível interpretar a construção de um distanciamento, pelo enunciador, em relação à validação da noção subjacente ao N. Excluída está também a interpretação de intensificação de uma propriedade, valor privilegiado da posição pós-nominal do marcador.

Tendo em conta o contraste observado nos contextos estudados – posição pré-nominal (sequências gramaticais) vs. posição pós-nominal (sequências agramaticais) –, será legítimo concluir que a posição sintáctica induz uma configuração particular do marcador *tal*.

Como podemos verificar pela enunciação de (5):

(5) *um tal calor*, nunca se tinha visto!

a posição sintáctica (pré-nominal) é condição necessária para a interpretação modal assertiva, mas não condição suficiente. De facto, em (5), o enunciador constrói um valor de intensificação da propriedade <() ser calor> – valor de **alto-grau** –, não o valor de **distância modal**.

Face aos dados reunidos, poder-se-á concluir que, para a construção do valor modal assertivo do marcador *tal*, concorrem factores sintácticos (posição pré-nominal) e factores enunciativos (constituição em Sit₁ de uma fonte enunciativa dissociada de Sit₀).

O valor modal assertivo do marcador *tal* não é, porém, exclusivo das expressões indefinidas. Para o demonstrar, começemos por observar um primeiro exemplo de ocorrência do SN definido **o+tal+N**:

(6) Ai, que não tenho braços... coitadinha de mim... lamuriava Rosalina para se entreter. Mas de perto lhe responde *uma voz*:

Anda cá menina.

A pequena desenterrou os braços de repente. Tinha ouvido ou não tinha ouvido? e olhou para os lados.

Anda cá menina.

Tinha ouvido. Olhou e tornou a olhar mas não viu ninguém.

A voz devia ter vindo das ervas, do lado da terra.

(...) Mas pareceu-lhe ouvir de novo *a tal voz* (Irene Lisboa, *Uma mão cheia de nada, outra de coisa nenhuma* cit. in Costa 1997: 82).

Em (6), com a expressão referencial *uma voz*, é construída uma primeira ocorrência de /voz/ – operação de **extracção** marcada pelo artigo indefinido. O SN definido *a voz* corresponde à retoma, com identificação total, da primeira ocorrência da noção. A expressão definida **a+tal+N** retoma as ocorrências anteriores. Uma pergunta se impõe então: porquê a sequência **a+tal+N** como terceiro elo da cadeia anafórica e não, novamente, a sequência **a+N**? A hipótese defendida é a de que a expressão definida **a+tal+N** actualiza, do ponto *de* vista memorial, uma representação que pertence ao universo de referência partilhado por enunciador e co-enunciador, focalizando-a. Por outras palavras, o demonstrativo *tal* marca uma **distância textual** – representada, em (6), através do sinal de supressão de texto (...). É o que podemos confirmar pela introdução do exemplo (7):

(7) a Ana comprou um livro. *O *tal* livro é um romance.

Neste exemplo, verificamos que o antecedente *um livro* faz parte da memória imediata dos sujeitos enunciadore. Verificamos igualmente que o termo anafórico *o tal livro* bloqueia uma identificação referencial em relação à primeira ocorrência da noção /livro/. Donde a confirmação da hipótese acima suscitada.

Voltando ainda ao exemplo (6), dirci que a totalidade da relação predicativa <parecer ouvir, (), voz> é afectada por valores modais do domínio do **não-certo**. O narrador privilegia a chamada **focalização interna**, isto é, conta a história de acordo com a capacidade de conhecimento de Rosalina, a personagem integrada na diegese. Daí que, de acordo com as leis da subjectividade da personagem, a validação da noção subjacente ao N *voz* não seja inteiramente assumida pelo sujeito enunciador origem (o narrador). Será então legítimo concluir que, também no que respeita à sequência definida **a+tal+N**, é apropriado falar do valor de **distância modal**.

Os exemplos seguintes confirmam, efectivamente, a hipótese suscitada:

(8) Eu sinto às vezes *as tais blasfémias*, como se diz, não é (PF, 299).

(9) (...) há muitas que realmente não nos... não se abeiram de nós, são *os tais* chamados *pobres* envergonhados (PF, 270).

O que estes exemplos têm de verdadeiramente interessante é a coocorrência com os SN's *as tais blasfémias* e *os tais pobres* de marcadores suplementares do valor de **distância modal** – a predicação *como se diz*, em (8), e o particípio passado *chamados*, em (9). Em ambos os casos, é construída uma outra fonte enunciativa (o senso comum, a sabedoria popular, etc.), responsável pela validação das noções /blasfémia/ e /pobre/ e em relação às quais o enunciador origem prefere distanciar-se.

A manipulação de (10B) obriga, no entanto, a uma reavaliação da hipótese formulada para as expressões definidas:

(10) A - Quem está lá fora?

B - É $\left\{ \begin{array}{l} a \text{ tal Ana.} \\ o \text{ tal professor.} \\ o \text{ tal rapaz.} \end{array} \right.$

Em (10B), verifica-se a possibilidade de coocorrência do marcador *tal* com Npr's e Nc's, sem excepções, o que não sucedia com as expressões indefinidas – ver exemplo (3). Face ao contraste observado, seremos levados a concluir que, no que toca às expressões definidas, nem sempre coexistem os valores de **distância modal** e de **distância textual**. Daí a boa formação da sequência *É o tal rapaz*, marcando um valor de **distância textual**.

À semelhança do que observamos nas expressões indefinidas, também nas expressões definidas é impossível a posição pós-nominal do marcador *tal*:

(11) A - Quem está lá fora?

B - É $\left\{ \begin{array}{l} * a \text{ Ana tal.} \\ * o \text{ professor tal.} \\ * o \text{ rapaz tal.} \end{array} \right.$

A manipulação de (11B) evidencia uma vez mais a existência de uma oposição funcional **EE** (epíteto à esquerda)/**ED** (epíteto à direita). Como explicar então essa oposição?

Segundo Franckel e Lebaud (1990) e Paillard (1992), a ordem termo localizador/ termo localizado – posição **EE** de *tal* – marca a operação de **construção**. À ordem termo localizado/ termo localizador – posição **ED** de *tal* – corresponde a operação de **especificação**. Esta é acima de tudo uma operação qualitativa, localizada em relação ao parâmetro enunciativo **S** (sujeito da enunciação), enquanto na primeira o valor preponderante é quantitativo, resultando da localização em relação a **T** (tempo da enunciação). No entanto, e uma vez que o valor geral associado ao marcador *tal* corresponde à constituição de uma relação de **identificação** entre duas ocorrências identificadas a um **tipo**⁴ comum, uma delimitação qualitativa – operação de **especificação** –, verifica-se a neutralização da oposição **EE-construção/ED-especificação**.

Como explicar então a boa formação de *tal EE* e a má formação de *tal ED* nas sequências estudadas? Proponho que a ordem localizador (tal)/localizado (N seleccionado) marque uma localização em relação a **Sit** (**S**, **T**), operação essa fundamental para a construção do valor **modal assertivo**. Esta hipótese, a explorar no futuro, parece, de resto, ser confirmada por outros dados do português, nomeadamente no que respeita a determinados adjectivos:

- (12) a. *uma antiga bibliotecal uma biblioteca antiga*
 b. *uma nova bicicletal uma bicicleta nova*

Assim, em (12a), *uma antiga biblioteca* é uma biblioteca que, na situação de enunciação em curso, já não existe, ao passo que, no SN *uma biblioteca antiga*, o enunciador se limita a construir uma delimitação qualitativa da noção. Em (12b), é construída a existência de uma nova ocorrência da noção */bicicleta/*, a partir de um dado momento da situação enunciativa. A expressão indefinida *uma bicicleta nova* corresponde à validação de uma ocorrência de */bicicleta/*, diferenciada qualitativamente das outras ocorrências da classe (*nova* opõe-se a *velha, usada*). É com base nestas e noutras observações que Bernard (1988) propõe a distinção entre adjectivos situacionais (EE) e adjectivos nocionais (ED).

A importância teórica de tal demonstração é evidente: só deste modo será possível inscrever o papel sintáctico da ordem das palavras na lista dos invariantes da linguagem.

NOTAS:

¹ Em sentido estrito, o conceito de **asserção** será entendido como o valor modal pelo qual o enunciador assume inteiramente validar ou não validar uma relação predicativa (Culioli, 1971: 6).

² No presente enunciado, contribuem para a interpretação depreciativa não apenas a anteposição de *tal*, mas também o diminutivo e a expressão *dos camarões*. Se dúvidas houvesse quanto ao valor depreciativo bastava atentar em enunciados do tipo *esteve aí um tal à tua procura*.

³ Por uma questão de economia da exposição, exclui-se da análise o(s) marcador(es) prosódico(s) que contribuem, igualmente, para a interpretação depreciativa.

⁴ No interior do domínio nocional situa-se um ponto abstracto designado **centro organizador**. Com esse ponto, identifica-se uma ocorrência com estatuto privilegiado, exprimindo o **valor tipo** (contém todas as propriedades definitórias da noção).

BIBLIOGRAFIA:

- BARBOSA, J. S., [1822] 1881⁷, *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Principios da Grammatica applicados á Nossa Linguagem*, Lisboa, Real Academia das Sciencias.
- BERNARD, G., 1988, "Arabia felix, felix Austria" in *Études sur l'ordre des mots*, Groupe RELPRED, Collection ERA 642 (UA 04 1028), Paris, Université Paris 7.
- BRESNAN, J., 1973, "Syntax of comparative clause construction in English", *Linguistic Inquiry* 4(3), 275-343.
- BOLINGER, D., 1972, *Degree Words*, The Hague, Mouton.
- CAMPOS, M.H.C., 1989, *Abordagem enunciativa de um subsistema do sistema modal do português: os verbos Dever e Poder*, Dissertação de Doutoramento, FCSH (UNL).

- CAMPOS, M.H.C. e M.F. Xavier, 1991, *Sintaxe e semântica do português*, Lisboa, Universidade Aberta.
- CARLSON, G.N., 1977, *Reference to Kinds in English*, Ph. D. Dissertation, University of Massachusetts, Amherst.
- CLUL, *Corpus do Português Fundamental*.
- COSTA, M.L., 1997, *O marcador tal na construção da determinação nominal*, Dissertação de Mestrado, FCSH (UNL).
- CUESTA, P.V. e M.A.M. da Luz, [1949] 1971³, *Gramática Portuguesa*, Madrid, Editorial Gredos (Trad. port. de A.M. Brito e G. Matos, *Gramática da Língua portuguesa*, Lisboa, Edições 70, 1980).
- CULIOLI, A., 1971, *Définitions de quelques termes en linguistique. Extraits de l'Encyclopédie Alpha*, Paris, Université Paris 7.
- 1974, "A propos des énoncés exclamatifs", *Langue française* 22, 6-15.
- [1986] 1990, "Stabilité et déformabilité en linguistique" in *Pour une linguistique de l'énonciation*, Paris, Ophrys, 127-134.
- 1992, "Un si gentil jeune homme! et autres énoncés", *L'information grammaticale* 55,3-7.
- CUNHA, C. e L.F. Cintra, [1984] 1986³, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- FRANCKEL, J.-J. e D. Lebaud, 1990, *Les figures du sujet. A propos des verbes de perception, sentiment, connaissance*, Paris, Ophrys.
- HENRY, A., 1991, "Tel en français moderne", *Revue de Linguistique Romane* 219-220, Tome 55, 339-426.
- MACHADO, J.P., [1952] 1981, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Amigos do Livro Editores.
- MATEUS, M.H. et alii, [1983] 1992³, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho.
- MORAIS, A., [1961] 1980¹⁰, *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*, Lisboa, Ed. Confluência/Livros Horizonte.
- PAILLARD, D., 1992, "Repérage: construction et spécification" in *La théorie d'Antoine Culioli. Ouvertures et incidences*, Paris, Ophrys, 75-88.